

EXPRESSÕES DAR UMA X-DA: UMA VERIFICADA INFORMAL

Margarida Basilio¹

Em muitos trabalhos de descrição do português do Brasil têm sido focalizadas as possíveis distinções entre estruturas V+SN sintaticamente livres e expressões de diferentes tipos e graus de fixidez.² Tais trabalhos utilizam sobretudo testes de comportamento sintático na investigação dos possíveis critérios de identificação de verbos e construções. Do mesmo modo, alguns estudos têm sido feitos sobre verbos específicos envolvidos em expressões possivelmente lexicalizadas³.

Neste trabalho, em prosseguimento a pesquisas sobre as expressões Dar+ SN no português do Brasil, pretendo focar as expressões *dar uma X-da* e mostrar que se trata de um tipo particular de expressão, que merece ser destacada de expressões V+SN de cunho mais geral ou inespecífico. Na primeira parte do artigo, farei um resumo das propriedades já observadas dessas expressões, que nos inclinariam a descrevê-las como produtos de um processo de formação de unidades lexicais complexas.⁴ Na segunda parte, apresento uma versão alternativa de análise, em que os aspectos lexicais da expressão se concentrariam no SN de forma *X-da*.

As expressões *dar uma X-da* apresentam as seguintes propriedades, típicas de formações lexicais: a. uma função semântica, de caráter avaliativo e atenuador, sistematicamente ligada à sequência *dar uma X-da*, onde X é o tema verbal, de sorte que podemos interpretar de modo unívoco a expressão *dar uma X-da* correspondente a um verbo V; b. alto teor de produção do processo formador; e c. utilização frequente da expressão na língua coloquial falada, a par de virtual ausência na língua formal. Estas propriedades afastam as expressões *dar uma X-da* do bojo geral das demais expressões.

I

As expressões *dar uma x-da* (doravante, expressões DADA), ilustradas em (1),

- (1)a. Antes de começar, eu gostaria de historiar o processo.
- b. Antes de começar, eu gostaria de dar uma historjada no processo.⁵

são de especial relevância na investigação sobre a lexicalização de expressões Dar+ SN, na medida em que apresentam regularidade de significado/função e alto teor de produção.

Embora produtos de um processo de formação de significativo teor de rentabilidade, as formações DADA não fazem parte da conjugação verbal, na medida em que, por um lado, se aproximam mais dos recursos expressivos do que de exigências gramaticais; e, por outro, não apresentam o grau de sistematicidade característico dos sistemas flexionais, como o encontrado, por exemplo, nos chamados tempos compostos, que se estendem a todo e

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC – Rio de Janeiro – RJ – Brasil.

² Ver, dentre outros, Lima (1988), Neves (1996; 1999), Saraiva (1997), etc..

³ V., por ex., Salomão (1990), Basilio, Dias & Martins (1994), etc..

⁴ Para uma versão mais detalhada, mas anterior, dessa descrição, v. Basilio (1999).

⁵ A frase b foi emitida espontaneamente numa reunião de professores de pós-graduação da PUC-RIO, em Julho de 2000. A frase a. foi construída com o objetivo de formar o par opositivo.

qualquer tipo de verbo. Ao contrário, existem restrições de cunho semântico, morfológico, lexical, sintático ou discursivo à formação de expressões DADA correspondentes a certos tipos de verbos.

Dentre as restrições de cunho semântico, observamos que as expressões DADA indicam eventos, de modo que verbos de estado as repelem, como se vê abaixo:

- (2) A farmácia fica na esquina/*dá uma ficada na esquina
João conhece Maria/ *dá uma conhecida de/em Maria

Adicionalmente, como correspondem à atenuação ou indicação de superficialidade na referência ao evento denotado pelo verbo, as expressões DADA não se usam com verbos ou contextos incompatíveis com a noção de superficialidade, como vemos em (3):

- (3) a. A Sérvia declarou guerra a Montenegro.
b. *A Sérvia deu uma declarada de guerra a/em Montenegro.

Do ponto de vista da modalidade e registro, as expressões DADA são típicas da língua falada coloquial, o que freia sua utilização em casos como (4) e (5) :

- (4) a. Questionado, o professor redargüiu que já ouvira tudo.
b. * Questionado, o professor deu uma redargüida de que ...
(5) a. O juiz requisitou formalmente as gravações
b. *O juiz deu uma requisitada formal nas/das gravações

Quanto a restrições de produção de caráter lexical por bloqueio, alguns verbos parecem dificultar a formação de expressões DADA por causa da prévia existência no léxico de uma expressão *dar+SN*, como vemos em (6):

- (6) a. dar um grito/pulo/salto/berro/beijo/grunhido/chute/ resposta
b. *dar uma gritada/ pulada/ saltada/ berrada/ beijada/ grunhida/
chutada /respondida

De especial relevância são as restrições de ordem morfológica.⁶ Verbos em que a formação de particípio passado não é transparente e regular não podem apresentar formações DADA correspondentes, conforme demonstrado em (7):

- (7) a. escrever, descobrir, dizer, prender, compor
b. *dar uma escrita/descoberta/dita/presa/composta
c. *dar uma escrevida/descobrida/prendida/dizida/ componida

Quanto a restrições sintáticas, observamos que verbos pronominais, como os de (8), dificultam a formação de expressões DADA correspondentes:

- (8) a. João se arrependeu/se machucou/se esforçou/se absteve

⁶ Esta parece ser a única restrição de caráter absoluto. As demais são restrições de produção e, portanto, seu poder de atuação é variável.

b. João *deu uma arrependida/ machucada/esforçada/abstida

A regência verbal também parece obstruir as formações:

(9) João ofereceu o sorvete a Maria/ *João deu uma oferecida de sorvete a Maria

(10) João decidiu não fumar/ *deu uma decidida de não fumar

(11) João conseguiu levantar o piano/ *deu uma conseguida de levantar o piano

Em suma, vimos que as expressões DADA não podem ser consideradas de natureza flexional, mas também não são derivacionais, porque contêm mais de uma palavra; não são compostas, pois seus elementos constituintes apresentam mobilidade de posição e, definitivamente, a sintaxe não é cega para seu interior. Por outro lado, as expressões DADA também não podem ser consideradas idiomáticas, dada a sistematicidade de sua formação e significado, uma vez que têm não apenas significado previsível, mas também, e sobretudo, especificam requisitos semânticos, sintáticos, morfológicos e discursivos para sua concretização. Teríamos, portanto, nessas expressões, características lexicais adicionadas a características sintáticas, por assim dizer.

Uma das alternativas de análise para as expressões DADA é, seguindo Jackendoff (1997), considerar que o léxico contém não apenas palavras mas também unidades maiores que as palavras. Neste caso, deveríamos descrever estas formações no âmbito do léxico, o que, certamente, é uma proposta polêmica.⁷

II

Uma possibilidade alternativa de análise seria estabelecermos o padrão morfológico produtivo $[X] V \rightarrow [X\text{-da}] S$, em que X é o tema verbal. Nesta alternativa, a produtividade lexical ficaria circunscrita à formação *X-da*; os demais impedimentos seriam descritos em outros níveis (semântico, pragmático, etc.), e não no nível morfológico. As restrições absolutas de cunho morfológico continuariam atuando, entretanto, de modo que alguns verbos não teriam forma nominalizada em *X-da* correspondente.⁸

Esta proposta desfaz o problema maior que se coloca em relação às formações DADA: a formação *X-da* pode ser facilmente descrita como um mecanismo derivacional, do mesmo modo que as nominalizações neutras.

Isto resolveria então todos os problemas? Certamente, não; mas é uma hipótese a ser investigada, na medida em que se coloca como uma possível alternativa à proposição de formações de cunho misto no léxico.

A proposição de formações lexicais envolvendo mais de uma palavra é motivada por muitos casos, desde as expressões idiomáticas até a formação de locuções, passando por

⁷ É interessante, neste ponto, fazer um confronto com as demais expressões DAR+SN: enquanto estas apresentam uma função denotativa, caracterizando-se, neste sentido, como formações lexicais, as expressões DADA se aproximam de formações lexicais na natureza de sua produtividade e sistematicidade.

⁸ Um problema a ser resolvido posteriormente é a descrição deste padrão produtivo, já que o acréscimo de *-da* a um tema não explica as restrições morfológicas relacionadas ao Particípio Passado irregular.

diferentes tipos de sintagma envolvendo formas livres em que os elementos são relativamente fixos e transparentes, como nos exemplos abaixo,

- (12) a. a saber, às vezes, de costas, a pé, etc.
b. escola naval, índice pluviométrico, pátrio poder, óculos escuros, etc.
c. fazer parte, dar bola, etc.

além dos incontáveis casos de estrutura S+S, como *carta(-)bomba*, *teatro(-) denúncia*, etc. normalmente considerados, embora sem justificativa de caráter morfológico, como compostos nominais.

No caso das expressões DADA, no entanto, teríamos formações que se constituem de elementos com mobilidade total:

- (13) a. Maria olhou as vitrines
b. Maria deu uma olhada rápida nas vitrines
c. A olhada que Maria deu nas vitrines levou duas horas
d. Maria deu só uma olhada rápida nas vitrines
e. Maria deu uma olhada na vitrine e uma piscada para o vendedor
f. Maria deu não uma, mas várias piscadas para o vendedor
g. A piscada de Maria para o vendedor não foi das mais discretas

Em (13) c. a g., vemos que a forma *X-da* pode ser relativizada, topicalizada e coordenada; e que a expressão DADA pode ser descontinuada ou ocorrer sem a contraparte verbal. Ou seja, o comportamento sintático do SN em expressões DADA parece ser inteiramente livre, o que torna a segunda análise, deste ponto de vista, mais adequada.

Um outro fator em favor da segunda análise é que a noção de avaliação atenuante do processo verbal também existe nos usos isolados, o que nos permite dizer que, ao lado da nominalização habitual, existe uma segunda nominalização, de caráter avaliativo atenuador; isto explicaria a existência/ de duas nominalizações para cada verbo de semântica compatível.⁹

Na realidade, a forma *X-da* parece ser um paralelo verbal para o grau diminutivo nominal - para o qual, aliás, a questão da situação lexical está sempre presente e nunca foi resolvida de modo satisfatório. Naturalmente, a forma *X-da* é uma base que atrai formações diminutivas, de modo que passamos a ter, para cada verbo, dois graus de atenuação, conforme ilustram os exemplos abaixo:

- (14) Preciso sair. Será que eu poderia dar uma saída agora? É só uma saidinha.
(15) O carro tem que ser lavado. Seu Costa, o sr. pode dar uma lavadinha no carro antes de sair?

Nestes exemplos, fica claro que, além da referência à concretização do processo verbal de modo superficial ou ligeiro, as expressões DADA são usadas também para atenuar o impacto de ordens e pedidos através da minimização do evento, funcionando então como uma

⁹ Observe-se que esta proposição não vai contra a colocação de Neves (1996), segundo a qual o SN de expressões V+SN com verbos de suporte herda seu valor global; apenas considera que expressões DADA não se enquadram nesse conjunto, sobretudo na segunda alternativa de análise.

formação de diminutivo para o processo verbal. Assim, é natural a compatibilidade de formas X-da com o diminutivo.

Observe-se, finalmente, que verbos que apresentam X-da como nominalização única ao invés de alternativa passam a ser ambíguos em relação às duas noções. Em (16 a.), por exemplo,

- (16) a. A saidinha de Maria causou um enorme prejuízo
b. A saída de Maria causou enorme prejuízo

a interpretação de *saidinha* como oriunda da nominalização neutra é não apenas ridícula mas lexicalmente inaceitável. Entretanto, em (16 b.) a ambigüidade é óbvia: o que causou prejuízo tanto pode ser o fato de que Maria deu uma saída quanto o fato de que Maria deixou o emprego, por exemplo.

Todas essas possibilidades devem ser analisadas com cuidado para que possamos chegar a uma conclusão sobre a viabilidade da segunda análise. Entretanto, a noção atenuadora colocada pela expressão como um todo sugere a necessidade de uma relação fixa de valor para esta junção de elementos, o que nos leva novamente à questão de como descrever essas unidades, ainda possivelmente lexicais. Creio ser claro, no entanto, desde já, que não se trata de expressões lexicalizadas, mas, talvez, de lexicalização de padrões de combinação de palavras, como acontece nos casos de composição, ou morfologização de padrões sintáticos, ou seja, uma lexicalização do ponto de vista dos padrões sintáticos, mas uma gramaticalização do ponto de vista corrente sobre o léxico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASILIO, M. – Padrões de configuração estrutural de unidades lexicais. In: DUARTE, L.P. – *Para sempre em mim: Homenagem à Professora Angela Vaz Leão*. Belo Horizonte, PUC MINAS, 1999. p. 205-212.
- BASILIO, M., DIAS, M.C.P. & MARTINS, H.F – *Expressões DAR+SN: um estudo de Representação lexical*. In: Anais do Encontro da ASSEL-RIO, n.3. Rio de Janeiro, UFRJ, 1994.
- JACKENDOFF, R. – *The Architecture of the Language Faculty*. Cambridge, MA, MIT, 1997.
- LIMA, M.C.A – *Expressões fixas de base verbal: um fenômeno lexical*. Tese de Mestrado inédita. Rio de Janeiro, PUC-RIO, 1988.
- NEVES, M.H.M. – Estudo das construções com verbo-suporte em português. In: KOCH, I.G.V. – *Gramática do Português Falado, Volume VI: Desenvolvimentos*. Campinas, UNICAMP/FAPESP, 1996. p.201-229
- NEVES, M.H.M. – A delimitação das unidades lexicais: o caso das construções com Verbo-suporte. In: BASILIO, M. *A Delimitação de Unidades Lexicais*. Rio de Janeiro, Ed. Grypho, 1999. p. 98-114.
- SALOMÃO, M.M.M. – *Polisemy, Aspect and Modality in Brazilian Portuguese: The Case for a Cognitive Explanation of Grammar*. Tese de Doutorado. Inédita. Berkeley, University of California at Berkeley, 1990.
- SARAIVA, M.E.F. – “Buscar menino no colégio”: a questão do objeto incorporado em Português. Campinas, Pontes, 1997.